



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**POR UM FIO: IDENTIDADE FEMININA NOS CONTOS A SAIA ALMARROTADA E
MEIA CULPA: MEIA PRÓPRIA CULPA DE MIA COUTO**

ANDREZA KÊNIA DE LIMA BORGES

**Catolé do Rocha – PB
2014**

ANDREZA KÊNIA DE LIMA BORGES

**POR UM FIO: IDENTIDADE FEMININA NOS CONTOS A SAIA ALMARROTADA E
MEIA CULPA: MEIA PRÓPRIA CULPA DE MIA COUTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS IV, como um dos requisitos para a obtenção do título de graduação no curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a Ms. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B732p Borges, Andreza Kênia de Lima.

Por um fio [manuscrito] : identidade feminina nos contos a saia almarrotada e meia culpa: meia própria culpa de Mia Couto / Andreza Kênia de Lima Borges. - 2014.

37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benicio de Sá Barreto, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Representação feminina. 2. Literatura africana. 3. Identidade. I. Título.

21. ed. CDD 869

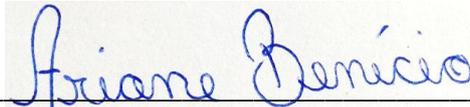
ANDREZA KÊNIA DE LIMA BORGES

**POR UM FIO: IDENTIDADE FEMININA NOS CONTOS A SAIA ALMARROTADA E
MEIA CULPA: MEIA PRÓPRIA CULPA**

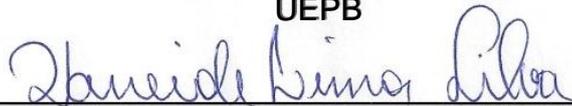
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Graduação no curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Aprovado em 28/11/2014.

Banca Examinadora



Prof^ª. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto (Orientadora)
UEPB



Prof^ª. Dr^ª Vaneide Lima Silva (Examinadora)
UEPB



Prof^º. Me. Francisco Vieira da Silva (Examinador)
UERN

Catolé do Rocha - PB

2014

Dedico à minha família essa conquista, a qual foi a grande responsável pela minha trajetória de sucessos até aqui. Em especial a minha mãe que sempre esteve disponível a me ajudar em todos os momentos. A ela serei eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder o dom da vida, e permitir que pudesse estudar e concluir uma faculdade, dando-me força, coragem e conforto nas horas difíceis e de desespero. E agradeço ainda por retirar qualquer coisa que pudesse atrapalhar a minha caminhada sempre estando ao meu lado.

Aos meus pais, Marina e Chico Assis que mais do que me proporcionar uma boa infância e vida acadêmica, formaram os fundamentos do meu caráter e me apontaram uma vida eterna. Obrigada por serem a minha referência de tantas maneiras e estarem sempre presentes na minha vida de uma forma indispensável;

A minha orientadora Ma. Ariane Benício, por dedicar grande parte do seu tempo para me ajudar, pelo incentivo e dedicação constante durante o desenvolvimento deste trabalho;

Aos meus irmãos, Andréa e Alan, que de alguma forma influenciaram-me a continuar nesse percurso;

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro de todas as horas, Anderson Torres, pelo carinho, amor, compreensão e paciência, me motivando sempre a seguir em frente;

As minhas companheiras de curso, o quarteto fantástico Andréa, Áquila e Jesana, que acompanharam-me desde o primeiro dia de curso, e com as quais passei momentos inesquecíveis;

A todos os meus colegas do curso de Letras, que de alguma maneira tornam minha vida acadêmica cada dia mais desafiante. Peço a Deus que os abençoe grandemente, preenchendo seus caminhos com muita paz, amor, saúde e prosperidade.

A coordenação do Curso, em especial ao Irmão Neto pelo convívio, apoio, compreensão e amizade.

As minhas amigas de todas as horas, desculpem-me pela falta de tempo em certos momentos e obrigada pelos conselhos que beneficiaram a minha graduação.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

RESUMO

A literatura se constitui como reflexo das relações sociais, o que em parte permite encontrar na literatura perfis de mulheres, submetendo-se a caminhos difíceis e oprimidos em defesa de sua identidade e individualidade. Mia Couto apresenta na obra *O fio das missangas*, o universo das tradições culturais ancestrais e míticas de seu país, partindo da oralidade e por meio do emprego do fantástico, acusando um mundo estereotipado em que as questões de gênero não se sobrepõem às opções individuais e à dignidade humana. O objetivo deste trabalho é fazer uma breve revisão das principais correntes dos estudos feministas com a finalidade de analisar e avaliar a condição feminina nos contos “A saia almarrotada” e “Meia culpa: Meia própria culpa” presentes nessa obra do escritor Moçambicano buscando entender os contos como espaço de denúncia a condição inferior feminina em Moçambique, discutindo os reflexos histórico-sociais na representação da mulher historicamente silenciada. Considerando que Moçambique e outros países da África que vivenciam o pós-independência (re) constituem-se culturalmente a partir da tradição literária, busca-se compreender, por meio da observação das trajetórias de vida dessas mulheres narradas, como ocorre a representação do ser feminino nesse processo de (re)constituição. Como aporte para as discussões referente às identidades recorreu-se aos estudos de Stuart Hall (2005) e Bauman (2001); assim como para compreender as questões referentes a condição da mulher amparou-se nas discussões de Machado (2011); sobre os processos de exclusão buscou-se apoio Nascimento (2006); a respeito das concepções dos estudos literários Coutinho (1978), Silva (1982) e Thomas Bonnici (2005) para as teorias de uma literatura pós-colonialista, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Representação feminina; Literatura Africana; Identidade.

ABSTRACT

The literature is constituted as a reflection of social relations, which in part allows to find in the women profiles literature, undergoing difficult paths and oppressed in defense of their identity and individuality. Mia Couto presents the work of the wire beads, the universe of mythical ancestors and cultural traditions of their country, based on the oral and through the fantastic employment, accusing a stereotyped world in which gender issues do not overlap for individual choices and to human dignity. The objective of this work is to briefly review the main currents of feminist studies in order to analyze and evaluate the status of women in the stories "A Saia Almarrotada" and "Meia Culpa: Meia própria culpa" present in this work the Mozambican writer seeking to understand the tales as a complaint space the female inferior status in Mozambique, discussing the historical and social impacts on the representation of women historically silenced. Whereas Mozambique and other African countries experiencing post-independence (re) constitute culturally from the literary tradition, we seek to understand, through observation of the life trajectories of these women narrated, as is the representation to be Women in the process of (re) constitution. As input to the discussions relating to the identities appealed to studies of Stuart Hall (2005) and Bauman (2001); as well as to understand the issues of the status of women bolstered up in discussions Machado (2011); about the exclusion processes aimed to support Nascimento (2006); about the concepts of literary studies Coutinho (1978), Silva (1982) and Thomas Bonnici (2005) for theories of post-colonial literature, among others.

KEYWORDS: Female representation , African Literature , Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA	11
1.1 LITERATURA MOÇAMBICANA.....	16
2 DENTRO E FORA DO TEXTO: IDENTIDADE E MULHER	19
3. NO CONTAR DE MIA COUTO: DENÚNCIAS, CULTURA E IDENTIDADES	24
3.1 ENTRE SAIAS E CULPAS: MULHERES QUE COMPÕEM O FIO DAS MISSANGAS.....	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A Literatura é a expressão da atividade cultural e da vida de uma sociedade que teve início com os contadores de história que visitavam as comunidades. Com o advento da escrita, as histórias deram origem a textos escritos que mais tarde se chamaria de literatura. É uma forma encontrada pelo homem para pensar sobre o real e o imaginário expressando-se em relação ao mundo que o cerca e o que imagina. Segundo Silva (1982), a literatura não se baseia somente na herança ou até mesmo em um amontoado de textos registrados no passado, mas sim, antes de considerar isso, ela apresenta-se como um processo histórico de novos textos.

Num cenário de luta, resistência e (re) construção as literaturas africanas de expressão portuguesa levantaram-se para desvelar mais que uma afirmação: os flagelos e degelos que fazem escorregar as identidades, calcando novos chãos nas mesmas terras sofridas e cansadas de uma história de violação, imposição, barbárie e exclusão.

As literaturas lusófonas surgiram como denúncias e através do poder de palavras com pronúncia forte fizeram em renúncia às imposições coloniais a revolução mais implacável, atemporal, e aguda. Poetizaram, contaram e narraram a africanidade. As literaturas africanas revelaram-se e representam o espaço de descoberta e (re)invenção de uma identidade nacional, se pensarmos em seus países de atuação em particular, e identidades múltiplas e dispare, fantásticas e dolorosamente reais quando pensado em africanidade.

Mas a literatura, em geral, se faz a partir da recolha de textos e fatos antigos ou não, sejam eles falados ou escritos, reais ou fictícios que permeiam a imaginação criativa dos escritores.

Quanto ao encontro da literatura com a tradição oral, este pode ocorrer tanto na forma quanto no conteúdo. Os provérbios e expressões populares que revelam tão piamente a realidade contextual retratada em cada conto e a própria forma dos romances e contos, que de acordo com Chabal (1994):

(...) a influência da cultura oral africana e popular, que recorre essencialmente à arte de contar histórias. Assim, os jovens escritores que buscam novas experiências no domínio da prosa, no contexto de uma tradição de cultura oral, recuperam a mais comum forma de arte: contar estórias (CHABAL. 1994, p. 66).

É importante considerar que através da relação entre escrita e oralidade as literaturas afro-lusófonas surgiram da emergência de uma afirmação nacional ainda no período colonial: “Associando a estratégia da memória com a urgência de registrar um presente que será passado, tal o ritmo das transformações(...)”, redimensiona-se “(...)caminhos do chamado romance histórico”. (ABDALA JR, 2006, p. 215)

O interesse, em particular, no âmbito da literatura africana para a formação desse trabalho é considerar que essa literatura não provém apenas de textos escritos, não se conceitua apenas em obras escritas, embora alguns estudiosos defendam que literatura é tudo aquilo que esteja impresso. Mas também, é construída por meio da expressão oral, passada de geração em geração.

A narrativa *O Fio das Missangas* de Mia Couto, escritor Moçambicano, especificamente nos contos estudados presente nesta: “A Saia Almarrotada” e “Meia culpa: Meia própria culpa” evidencia a marca da oralidade, que se representa na fala dos africanos como único método encontrado para salvar seus costumes.

Apesar de constituir-se através da palavra escrita, a literatura africana como já supracitado teve suas raízes na oralidade, forma mais segura encontrada por aqueles que tentavam (re)constituir-se para manter acesos seus costumes, tradições e uma história marcada pela dominação e opressão; fato evidenciado no conto “A Saia Almarrotada”, cuja história evidencia a natureza submissa e servil das mulheres que sentem vergonha pelo desejo intrínseco de se sentirem bonitas, escondendo-se em devaneios para fugir da realidade.

É nessa perspectiva que o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da mulher em seu papel social através da narrativa dos contos “A Saia Almarrotada” e “Meia culpa: Meia própria culpa”, organiza-se em três capítulos que se completam:

O primeiro intitulado “Literatura africana de língua portuguesa” apresenta o contexto sócio histórico em que se constituem as literaturas africanas, assim como a importância dessas literaturas enquanto espaços reveladores do processo de (re) constituição das identidades e da própria sociedade.

O segundo capítulo, que tem por título “Dentro e fora do texto: Identidade e Mulher”, discute a respeito da problemática das identidades na atualidade e sobre o

preconceito instaurado sobre as identidades femininas por meio da complexidade das relações de gêneros.

Por fim, o terceiro e último capítulo, “No contar de Mia Couto: Denúncias, Cultura e Identidades”, analisa-se como os traços culturais e identitários, principalmente a cerca da representação da mulher são redesenhados em um espaço de (re)criação de sentidos e (re)constituição de valores e perspectivas sócio-culturais. Compreendendo o conto como espaço de denúncia, traz a tona a condição inferior feminina em Moçambique e revela os reflexos histórico-sociais da representação da mulher que foi historicamente silenciada.

1. LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo definição mais comum, literatura é uma palavra de origem latina que remete a letra, ou a escrita e leitura de textos. Surgiu dos contos e lendas contadas oralmente, em que se destacaram os contadores de histórias, tendo como principais personagens reis e rainhas e pessoas envolvidas em amores proibidos.

Andando pelas comunidades afora, os contadores de histórias conseguiam reunir pessoas para ouvi-los em cada roda de conversas, em cada encontro noturno. Os enredos eram sempre variados e normalmente apresentavam conflitos e dificuldades que teriam de ser superadas pelas personagens. Pessoas comuns eram redesenhadas como verdadeiros heróis e os causos do dia a dia assumiam uma imagem mágica, empolgante e mirabolante. Valores morais eram empregados, as lições e os conselhos repassados, e havia sempre marcante distinção entre o bem e o mal.

A prática expandida de geração a geração foi aperfeiçoada e o homem encontrou novas formas de utilizar esses recursos seja para a propagação cultural, seja para resguardar de valores ou simplesmente para manter o prazer da interação. Aos casos foram acrescentados elementos ficcionais e com o advento da escrita a literatura foi conquistando o seu espaço. Tornou-se, pois, instrumento de estudo, pesquisas e comparações desde as escolas mais elementares até as universidades. E passou a fazer parte dos registros essenciais à existência da história humana.

No terreno fértil da sede de conhecimento humano, as letras e os livros efetivaram-se. E a literatura passou a assumir espaços múltiplos de produção cultural a partir do tratamento das mais diversas temáticas. Hoje acompanham as transformações sociais como se a dar sentido a elas. É constituída sob a consideração do contexto, das histórias de vida de cada um, da vida sociocultural.

A literatura africana, por exemplo, surge contrária ao preconceito resultante de cinco séculos coloniais, que a sentenciava como um mero e excêntrico seguimento das literaturas europeias. A Literatura africana de expressão portuguesa se redesenha ao toque próprio de características culturais advindas da memória coletiva e das práticas orais, acabando por transformar-se em grande cenário de conflitos entre negação e afirmação e palco para (re) invenção de identidades.

A verdade é que os africanos a utilizam para tornar conhecida sua história, ao buscar inspiração em seu próprio espaço, num primor de personagens que revelam a singularidade de um povo único. Conforme (ABDALA, 2006, p.43), o foco é a (re)invenção do que “é” africano, em oposição ao que “seria” europeu.

Inicialmente isso ocorria por meio apenas da oralidade, como salienta Costa (2008, p.8):

Para os africanos, particularmente, a memória tem um papel fundamental para a preservação da cultura, pois na África a tradição e a história foram, durante muito tempo, repassadas aos jovens, basicamente, por via oral, assim a ausência de memória equivaleria à perda de parte da história e das tradições. Os velhos são os cronistas dos acontecimentos que devem ser passados aos jovens. Ao contarem as histórias passadas, eles asseguram o viver da tradição. A figura do contador de histórias passa a um lugar de destaque, pois nela se encerram não apenas os saberes que precisam ser repassados, mas também as formas de repasse. O contador de histórias (griot) tem um papel que vai além do contar, visto que ele também deve formar outros contadores, pois, deste modo, garantirá a perpetuação das tradições.

É fato que para pesquisar a memória de um povo é preciso buscar seus antepassados, investigar sua cultura, religião, tradição e afins relacionados à memória. Historicamente os negros sempre foram vistos de forma inferiorizada, num vislumbre do período colonial quando estes foram escravizados, quando estes foram submetidos à humilhação, comparando-os a objetos, mercadorias e até mesmo animais sem direitos, cultura e uma vida digna em seu país de origem.

A África admite o passado, observando-o criticamente e mostrando-o através da literatura e de seus escritores, tais como os textos de Mia Couto, Pepetela, dentre outros. Como declara Lajolo (1982: 65) “O mundo representado na literatura, simbólica ou realisticamente, nasce da experiência que o escritor tem de uma realidade histórica e social muito bem delimitada”.

Desse modo, é possível compreender que a literatura refaz a realidade por meio de textos que transmitem compreensões relacionadas ao seu conhecimento perante o mundo. Reconhece-se que a literatura está ligada ao contexto social e cultural de uma sociedade.

Os países Africanos de Língua Portuguesa, dentre eles Moçambique, Cabo Verde, Angola, Guiné Bissau e São Thomé possuem em sua literatura fatores

produzidos através de suas histórias, que surgem na literatura na tentativa de superar a submissão política do colonizador e a sua imposição cultural. Tais países assumiram a língua do colonizador e foram obrigados a utilizar a língua portuguesa como meio de comunicação oficial, porém, as línguas já utilizadas pelos Africanos continuaram a ser empregadas no meio social.

O Ex- presidente do Instituto Nacional das Línguas de Angola, Vatomene Kukanda (2000), diz que a África sub-sahariana apresenta em sua língua um acréscimo de outras línguas, ou seja, um país multilíngue que, apresenta níveis diferentes estabelecidos pelo contexto linguístico.

A África ficou conhecida popularmente como um continente que apresenta uma história aflita, ou até mesmo lamentável por ser um continente velho habitado por jovens e que dispõe da maior taxa de mortalidade infantil, enquanto a taxa de natalidade também é alta. Conforme afirma Conceição (2006, p. 21),

Mudanças políticas, como a do colonialismo, novas religiões, novas línguas; uma economia que não era majoritariamente monetarizada passa de repente a ser globalizada ou ao risco da marginalização. Em resposta a tudo isso, os africanos ofereceram resistência, mas, quase ao mesmo tempo, se preparavam para a mudança e até mesmo, quando indispensável, para a ruptura.

Situações estas, que minimizam, e conseqüentemente fortificam a história e o povo deste continente. Os africanos resistiram e até nos dias atuais resistem a condições que os desfavorecem, sejam elas devido à discriminação, ou às condições concedidas a eles para sua própria sobrevivência. E um dos meios utilizados é a literatura.

Tudo se iniciou devido ao período de colonização da América. Começou aí o tráfico negreiro, no qual muitos territórios africanos foram dominados e se tornado conhecido por todo o mundo o continente dos escravos. O subdesenvolvimento e a luta da África contra a fome, epidemia e questões ambientais só tornaram ainda mais grave todo o problema. Conforme Ferreira, *et al.*

Ao fim da 2ª Guerra Mundial, cerca de 800 etnias, falando mais de mil idiomas, conviviam no continente africano. Na verdade, os colonizadores haviam dividido os territórios segundo seus interesses políticos e econômicos, [...] não respeitando as tradições nem a história desses povos (2008, p. 11).

Após a 2ª Guerra Mundial procedeu a luta pela independência, depois de um período de lutas de guerrilha, algumas colônias Portuguesas como Moçambique e Angola tornaram-se independentes de Portugal em 1975-1976. Contudo, a marca da colonização permanece presente ainda nos dias atuais.

Com relação a isso, escritores destas terras apresentam em seus textos marcas de um período assustador, mas que, contudo isso vive em uma etapa de adaptação e amadurecimento.

A Chegada da Independência possibilitou aos africanos a luta por uma cultura própria:

a busca da autonomia passa, portanto, e em suma, pela identificação dos locutores entre si e com um projeto de independência literária face aos modelos coloniais da cultura. Reivindicação anti-colonial, afirmação nacional, assunção étnica e folclórica, uso do bilingüismo textual ou de línguas não europeias (crioulo, forro, línguas bantas), exposição africanística, exaltação rática, exultação independentista, todos os meios são aceitáveis pela comunidade de consciência não portuguesa, desde que possam inserir o texto no processo de instauração de uma comunidade africana (LARANJEIRA , 2000,p.24).

A produção literária africana expressa em seu contexto a história de um país desde o período colonialista até o período do independência. Compõe em suas histórias características condenáveis, além de outros fatores após a independência que marcam a vida e a literatura africana e permite uma análise da situação desses povos. E que, acima disso propulsiona o aparecimento de uma nova literatura: A Literatura Africana de Língua Portuguesa.

O processo de criação da literatura dos africanos de língua portuguesa é complexo por vários motivos. Sob um olhar externo, os africanos foram obrigados a romper de alguma forma sua cultura, para a introdução de novos hábitos, que por sua vez, bastante divergentes a cultura dos colonizadores. Trata-se de uma literatura que se transforma a todo tempo, que problematiza uma identidade, que se apodera de um passado convergindo com seu presente e futuro.

Em várias situações da história é possível constatar que prevalecem as histórias de dominações de grupos sobre outros por meio da obrigação, da violência e, sobretudo, da imposição de sua língua. Essa injunção produz rigorosas alterações na cultura desses povos. No entanto, esse grupo, a partir de conhecimentos já prévios agregados a novos conhecimentos, gera em sua cultura, impactos,

desenvolvendo a partir daí uma nova cultura composta, portanto, por uma nova língua e conseqüentemente por uma nova literatura.

A palavra tem uma importância muito relevante na vida de todos. É de tanto valor, que a partir dela, os povos africanos (por exemplo) introduzem e movimentam a mesma com uma capacidade singular. Tratando-se de uma literatura anterior àquela escrita, ela revela oralmente a memória cultural dos Africanos.

A Tradição Oral é a grande escola da maioria dos povos africanos. As culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias. Nas culturas africanas tudo é “História”. A grande história da vida compreende a História da terra e das águas, a História dos vegetais e farmacopéia, a História dos astros, a História das águas e assim por diante. (MACHADO, 2013)

A história da África, como a de qualquer outro continente, faz-se inicialmente através de arquivos orais para depois transformar-se em cultura escrita, utilizava-se da oralidade para expressar sua memória e sua própria vivência para intensificar sua permanência. Assim “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Doravante, a África apresenta na tradição oral os guardiões da memória e os maiores responsáveis pela transferência desses saberes, os chamados griots, que, para Nascimento são:

[...] personagens idosas como responsáveis pela transmissão e manutenção de traços culturais autênticos estaria ligada não apenas a uma certa autoridade que possuem pelo acúmulo de experiências, mas prioritariamente por tratarem-se de personagens limiares (NASCIMENTO, 2006, p. 125)

Conteúdo como dança, cultura e religião são relatados por esse grupo, representados por anciões que, por possuírem uma idade mais avançada, significava ter experiência de vida maior, conjunto à sabedoria para transferir em geração em geração. Assim: “os griotes, que se nos apresentam como “memória viva” ao recuperarem narrativas que cumprem o papel de transmitir saberes antigos que povoam a sociedade africana e ajudam, ainda hoje, pelos fios da continuidade, a tecer o curso da história.” (NASCIMENTO e RAMOS, 2011, p. 457)

Uma literatura para ser abordada é necessário estudo de seu povo e de seus costumes, e esses povos precisam se manter forte, culturalmente falando, e não deixar essa história afundar. Antônio Candido afirma:

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade. (CANDIDO, 2006, p.21)

As literaturas africanas apreendem e representam as temáticas do colonial e pós-colonial e (re) criam sobre elas um espaço contínuo de representações. A singularidade de uma identidade nacional regenera-se através da necessidade múltipla de (re) descobrimento identitário a partir de características presentes na multiculturalidade de todas as identidades envoltas a esse contexto. A memória de tradições, mitos e simbologia reluzentes da oralidade são as "missangas" que preenchem cada fio em novo amarre.

1.1 LITERATURA MOÇAMBICANA

País colonizado pelos portugueses, Moçambique ficou submetido a ordens portuguesas até a data de sua independência. Contudo, os moçambicanos adentraram em uma guerra civil e o país recebeu influências de várias culturas, como a árabe, europeia e asiática.

A língua oficial é o português e a literatura moçambicana nasce com expressão mais ativa "nos anos de 1920 com publicações em jornais locais, cujo conteúdo se direcionava a uma diferenciação dos modelos portugueses" (SANTILLI, 2007 *apud* MACHADO, 2011). A partir de 1945 a literatura sofreu com o posicionamento dos povos com relação a sua cultura e a cultura absorvida dos colonizadores. Uma vez atribuída uma cultura em outra, os africanos não seriam mais africanos culturalmente íntegros.

A partir daí as culturas agregam-se entre si, transformando-se em uma só cultura. A cultura que deixaria de ser só dos colonizadores e só do colonizado se transformaria na futura e mais nova cultura africana.

A posição da literatura e dos moçambicanos a partir de então é procurar habituar-se a esses conflitos pós-colonialistas impostos a este País, visto que, mesmo após a independência política, muitas ex-colônias continuaram reproduzindo hábitos literários europeus.

Os conflitos coloniais causaram tensão nos países africanos de Língua Portuguesa fazendo com que seus escritores evidenciassem uma busca pela identidade africana como tema principal de suas obras literárias. Desta forma Moçambique, país saído recentemente da guerra civil, apresenta em sua primeira fase expressões que discutem a condição dos colonizados.

Para combater a sobreposição feita a essas culturas, vários escritores moçambicanos dedicaram-se à escrita de uma literatura envolvente, a qual teve diferentes fases de acordo com cada momento vivido pelo povo. Processo esse que pode ser chamado de descolonização, no qual os escritores deixam os padrões literários europeus de lado e buscam por uma literatura pós-colonialista.

A caminho da independência, a literatura discute temas que mais tarde se tornam centrais nas sociedades que lutam contra o colonialismo, expressando a voz dos colonizados. Trata-se da necessidade de uma nova literatura que expressa a voz dos colonizados, de uma nova forma em relação à literatura colonial que, nesta fase as condições sociais são debatidas. Quanto às formas expressionais, é interessante considerar que os autores escrevem contos, que dessa vez, são relacionados a uma literatura de expressão oral desprendendo-se mais da influência dominante da tradição ocidental.

Incontestavelmente, os estudos pós-coloniais têm contribuído para a abrangência das questões sociais. A produção literária nesse país serviu para exibir para o mundo a verdadeira identidade desses homens e mulheres que até então não eram reconhecidos.

A literatura de Moçambique apresenta obras que retratam variedades temáticas importantes para esse povo. Como revela o autor moçambicano Mia Couto, professor, jornalista, biólogo e escritor que publicou mais de vinte livros, entre eles romances, poesias, e contos.

O referido escritor moçambicano envolve-se profundamente em sua comunidade estudando e pesquisando mais sobre a vida de seus conterrâneos fazendo surgir vozes múltiplas da vida social do dia a dia vivido pela população de seu país. Pela linguagem, o autor cria imagens que se mantêm vivas, retratando o sofrimento e a resistência do seu povo à dominação.

Seguindo essa linha de pensamento, Fonseca (2008) afirma que o autor discute as questões por meio da escrita, construindo personagens baseados na oralidade e empregando a escrita com a finalidade de revelar ao leitor a diversidade cultural moçambicana.

Mia Couto utiliza-se da memória dos moçambicanos e dos arquivos orais legítimos para transmitir uma cultura que por parte foi limitada e até mesmo oculta. Moçambique apresenta um traço muito marcante com relação à oralidade, no qual os povos moçambicanos buscam nela a única forma de repassar seus conhecimentos e suas histórias. Lopes assegura a assertiva acima e acrescenta:

Uma das características mais marcantes desta comunidade chamada Moçambique é a de ela possuir traços extremamente fortes de oralidade, que parecem configurar uma cultura essencialmente acústica. Designo por cultura acústica a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência. (LOPES, 2003, p.265-266).

Em síntese, a literatura moçambicana traz a magia dos costumes, do cotidiano, da oralidade e do modo de viver dos africanos construindo uma vasta obra literária que transcende o simples existir dos moçambicanos.

2 DENTRO E FORA DO TEXTO: IDENTIDADE E MULHER

A identidade já foi considerada apenas em seu contexto nacional, o indivíduo era identificado por sua naturalidade, assim como julgado e/ou valorizado. No entanto com o advento da globalização essas questões tem se tornado ainda mais distante e as definições de identidade bem mais complexas, pois não se coloca possível em apenas uma definição.

Segundo Bauman (2004) “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (p.19).

De acordo com o autor, as identidades, não passa apenas pela definição do que “somos”, mas pela razão de nossas ações e do que “parecemos ser” para os outros. Nesse aspecto:

(...) a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”, como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. BAUMAN (2004, p.21, 22)

Nesta perspectiva, a identidade ou as identidades constroem-se e são construídas pelo meu discurso e o discurso do outro, importa meu olhar e o olhar do outro sobre mim. De acordo com Hall (2006) devemos compreender as identidades em sua condição de constituídas no interior das formações e práticas discursivas, por estratégias, iniciativas, em locais históricos e específicos.

Hall (2006) trafega pela constituição do sujeito moderno na pós-modernidade numa perspectiva de fragmentação, o sujeito identifica-se por meio das representações da vida cultural e exerce sua subjetividade através das diferentes formas de linguagem nos contextos de interação verbal e social. É por meio das relações sociais, da interação com o outro, das impressões contextuais e coletivas que construímos nossa identidade.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, 39)

É necessário, então, refletir sobre o sujeito conforme sua inserção no mundo, nos espaços de interação. Hall (2006) salienta o surgimento de novas identidades, da fragmentação do indivíduo moderno, constituído agora não mais como sujeito único, e sim sobre as marcas das “identidades culturais”, de seu “pertencimento” as diferentes culturas, etnia, raça, sexualidade, língua e religião.

De tal maneira, de acordo com os espaços de interação em que se posiciona o sujeito podem surgir novas identidades: “Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos *eus* divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.” (HALL, 2006, p.39).

Isso implica que o sujeito não poderá em qualquer momento fixar qualquer significado em sua forma final, sendo assim, como a identidade é construída no diálogo simbólico também está em constante mutação.

Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua. Tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). (HALL, 2006, p.39)

Na concepção de Hall (2006) a identidade está, pois, em constante processo de transformação. Ela é definida historicamente e não biologicamente, movendo-se em “relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 apud HALL, 2006,13).

Dessa forma, a identidade feminina se (re)constrói nesse espaço problemático de busca da afirmação de si. Ela é remodelada conforme as concepções desenvolvidas por meio das relações de gêneros. Os meios sociais e individuais são importantes para enfrentar o conceito de que homens e mulheres são caracterizados para certas atividades relacionando-as somente ao físico. Segundo Sabadell:

Será que essas diferenças não são também resultado de uma forma de socialização (e de controle social) e não mudam em função do período histórico? Segundo uma famosa frase da escritora francesa Simone de Beauvoir, não se nasce mulher, torna-se mulher. As identidades de 'sexo' são construídas socialmente e podem ser modificadas. (SABADELL, p. 234)

Assim, o estudo sobre gênero dispõe que a análise das identidades femininas e masculinas seja feita desvalorizando a questão de que é a biologia que decide quem faz as tarefas, apontando que estão sujeitas a mudanças determinadas pelas relações de poder presente em cada período histórico.

Assim, o homem, provedor de força física, era considerado superior, destinado a trabalhar fora de casa de modo a garantir o sustento da família, considerado o patriarca em sua residência. A mulher, por sua vez, era vista como o sexo frágil, exercendo somente missões relacionadas ao cuidado da casa e dos filhos, acatando com respeito às ordens do marido.

Para Hall (2005) “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente.” Várias mudanças ocorreram do ponto de vista sócio-cultural e político, que desmistificaram a figura feminina como a “amélia”, ou seja, mãe, esposa e dona de casa; como exemplo, vale salientar o direito ao voto, a inclusão da mulher no mercado de trabalho, salário equivalente ao masculino, controle de natalidade, que diversificaram o ambiente familiar e deram um novo padrão à sociedade.

As lutas sociais dos últimos anos vêm ocasionando modificações em todo território, sejam relacionadas a preconceito, religião, política, entre outros, uma vez que alguns lutam arduamente para verem reconhecidos seus direitos.

Stuart Hall diz que “identidade e diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra” (2005: 86-87).

A marcação da diferença motiva a expressão do preconceito social diante das identidades. E sobre a mulher o preconceito torna-se ainda mais acentuado, pois “o racismo e o sexismo levam a mulher negra a projetar sua identidade em conflito com a realidade de seu corpo e sua trajetória familiar e étnica” (Gomes, 1995, p.25). Pois,

O racismo se constitui e opera essencialmente da mesma forma que o sexismo, tanto no campo da discriminação, resultando em desigualdades sociais estatisticamente mensuráveis, quanto no âmbito mais amplo, efetuando de diversas maneiras, ora diretas, ora sutis, determinações e condicionamentos às possibilidades e às perspectivas de vida das pessoas e dos grupos humanos envolvidos (NASCIMENTO, 2003, p.66).

Desta forma a noção de gênero é associada ao conceito de sexo, no qual o forte impera o fraco, numa relação de poder entre o sujeito e objeto. Com o passar do tempo esta forma de pensar vai se modificando e a mulher passa a ser vista não como um ser submisso, mas como alguém capaz de pensar e agir conforme seus interesses.

No século XX o significado de gênero passou a ser enunciado em formas teóricas por mediação de críticas feministas que buscavam compreender motivos do antagonismo e injustiça para com as mulheres.

Rogério Tilio enfatiza o exposto ao afirmar que:

A identidade não está ligada a ser, mas a estar, ou, mais especificamente, a representar. Sendo a identidade uma construção social, e não um dado, herdado biologicamente, ela se dá no âmbito da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo. (TILIO, 2009, p.112)

O sujeito é capaz de construir o discurso, o mesmo é afirmado sobre a identidade. É através do discurso que as pessoas constroem suas identidades sociais e se posicionam no mundo (HALL, 2005). Assim, a identidade é formada a partir de relações sociais.

No contexto da pós-modernidade a literatura vem mostrando esses acontecimentos. Os autores organizam possibilidades para a criação de insinuações ou conselhos atribuindo vez e voz para todos os campos sociais. Nos tempos atuais, a literatura observa as questões entre as variadas culturas criando alternativas para a construção de um espaço onde possa apresentar as possíveis insinuações.

Segundo Duarte (2009, p.77) o discurso de identidades padrão também fez parte dos fantasmas no passado escravista que habitam no imaginário social brasileiro até os dias atuais, a exemplo das figurações como “bom senhor”, “bom

patrão”, “escravo contente” ou “escravo marginal”. Segundo o autor trata-se de deturpações da identidade afro-brasileira:

Essas e outras deturpações da identidade afro-brasileira inscrevem-se em nossas letras, tanto quanto no filme, na TV ou nos programas popularescos que se espalham pelas ondas do rádio. São estereótipos sociais largamente difundidos e assumidos inclusive entre suas vítimas, estereótipos que funcionam como poderosos elementos de manutenção da desigualdade e da discriminação.

Por essa razão, o discurso afrodescendente busca romper com essas simbologias ditadas pelo mundo branco de modo a reverter, a partir da inscrição de novas identidades, os valores já internalizados.

Desse modo, essa literatura capaz de (re)constituir identidades surge como uma modalidade responsável pela (res)escritura da memória, pois, no cenário específico da obra em análise nota-se que Moçambique é ainda uma história a ser escrita, agora e a tempos e espaços diversos de identidades complexas e trocas culturais.

3. NO CONTAR DE MIA COUTO: DENÚNCIAS, CULTURA E IDENTIDADES

O conto é um gênero literário curto que surgiu provavelmente do mito, da lenda, da parábola e das pequenas histórias contadas para encantar crianças e adultos. Mas na ficção de Mia Couto, destaca-se pelo predomínio e valorização da cultura tradicional africana.

A presença do imaginário ancestral destacadas nas narrativas recriam a imagem do habitual. Os elementos fantásticos presentes no texto e oriundos das descrições dos mitos, lendas e dos costumes da cultura africana, são os traços representativos da resistência e da preservação da identidade.

A narrativa Coutiana constrói-se com apresentação de diversos personagens e de situações que representam o multiculturalismo de Moçambique; contar histórias é um dos aspectos marcantes na obra, cada personagem que surge na narrativa tem a necessidade de contar sua história, obedecendo, na sua maioria a unidade do gênero conto.

De acordo com Laranjeira (2001, p.196) “nos contos o escritor dedicara-se, sobretudo a efabular histórias rocambolescas, cômicas, satíricas ou piedosas, conforme se tratasse de episódios inusitados, críticas de costumes, recriminações sociais ou políticas.”

Mia Couto é pseudônimo de Antonio Emílio Leite Couto, adota esse nome por uma paixão extrema a gatos, é considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique. Em seu abundante mundo literário apresenta em suas obras a elaboração de um novo padrão de narrativa africana sob a influência de palavras já existentes em seu País.

Os contos de Mia apresentam mensagens transmissoras de emoções que produzem efeitos fascinantes. Enredo simples, veículo conduzido por traços marcantes que abrangem espaços basicamente rurais expressando momentos de paz e conseqüentemente de guerra.

Á vista disso Moçambique é uma nação que compartilha momentos difíceis e mesmo durante o pós-guerra o país se mantém em memória fatos marcantes que sempre serão lembrados por seus habitantes; como exemplo a violência, o apagamento de suas tradições, mitos, crenças e até mesmo de sua própria língua.

Afonso defende que:

O conto oferece, em África, um verdadeiro espaço de criatividade, explorando os níveis e limites do ser, ultrapassando quaisquer obstáculos ideológicos, captando todas as realidades que dizem respeito ao homem, fixando a imagem do caos do mundo moderno, a fragilidade da felicidade e a precariedade dos destinos humanos. (AFONSO, 2004: 75)

Diante dessa realidade o conto do autor assume funções que além da preservação de seus ancestrais, estabelece o prazer da criação literária, a função estética, a precisão da inovação e de dar respostas às mudanças que se vão exercendo num mundo. Consequentemente, Couto assume narrativas orais, lançando personagens em realidades que não são perfeitas, mas que nessa imperfeição possuem valores onde transparecem os desgastes das relações humanitárias vivenciadas pelos africanos. Para Afonso:

O universo ficcional de Mia Couto desvela uma maneira fora do comum de olhar o mundo, de sondar a realidade, de lhe proporcionar um tratamento que a transfigura. Não se trata de qualquer idealização; pelo contrário, o texto alimenta-se da constatação de factos que pertencem à realidade quotidiana. Há, porém, um movimento do concreto para o transcendente, uma percepção do real que faz resplandecer a essência de uma verdade absoluta. O texto insiste em propor a suspensão do caos para dar lugar a um novo começo. Assim, numa escrita que se desenvolve entre a realidade e o sonho, Mia Couto instaura a desmesura do invisível no visível e reafirma a dimensão mítica da criatividade moçambicana, pronta, face às maiores calamidades, a recriar o mundo. (AFONSO, 2007, p. 548)

Mia Couto ainda apresenta o fantástico como um meio de passar aos leitores os conflitos que tornaram miseráveis a vida de milhares de moçambicanos. O uso do fascinante, de palavras envolventes, serviu de perfil para a criação de obras relacionadas a uma sociedade que sentiu a necessidade de se reinventar. Em outras palavras, obras que dão início a um novo mundo em que a vontade e a esperança de viver prevalecem à dor e ao sofrimento.

Diante de inúmeras obras escritas por Mia Couto, destaca-se: *O Fio das Missangas* publicado originalmente no ano de 2003, em Portugal, chegando ao público brasileiro em 2009. É composto por vinte e nove contos e reúne entre eles

mensagens profundas. Apesar de apresentar uma escrita corrente, Mia Couto consegue produzir várias reflexões.

A obra desvenda por entre as características miúdas e valorosas de cada identidade, traições, vinganças, amores, suicídios, loucuras, incestos, perda, racismo, vaidades e violência. Põe em evidência as características mais altivas da literatura Coutiana, e se elucidam os contornos mais fremisses da cultura moçambicana.

Num recurso insólito, incidentes sociais apresentam-se fabulados, no ritmo do misticismo próprio da cultura África, posto pela necessidade de enfrentamento do real. Através da simplicidade especial de uma linguagem renovadora, o leitor é introduzido em universos detalhados de tal forma que as narrações podem envolver-lhes os sentidos ao ponto de sentir-se no interior de todas elas.

Dentre todas essas características, neste trabalho, chama-se a atenção para o modo como predomina na obra a presença da voz feminina como narradora e personagem principal, possibilitando a manifestação de mulheres esquecidas e condenadas ao silêncio perturbador, fruto do estigma da subserviência, historicamente a real situação feminina.

Outra característica presente em *Fio das Missangas*, e que produz como efeito de sentido a (re)constituição de valores, é a presença de neologismos e a reconstrução das palavras acrescida da musicalidade dada às palavras, brincando com regras formais da língua. Nos jogos de palavras, o autor expressa diferentes sofrimentos em Moçambique após a independência.

De acordo com Alves neologismo refere-se:

[...] a uma nova forma, a uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou a um estrangeirismo recebido de outra língua. Excetuados os empregos de caráter intencional no âmbito literário e publicitário, o neologismo está vinculado ao caráter social da linguagem. Assim, o neologismo resulta de uma necessidade de nomeação ou de um evento, que determina a criação de uma nova unidade lexical. (ALVES, 2010, p. 65)

O modo em que Mia Couto utiliza a língua chama bastante atenção do leitor. Ao conhecer profundamente sua língua, o escritor utiliza-se do uso criativo da língua ao criar neologismos. O uso estratégico da linguagem e de novas palavras revela um trabalho de metalinguagem. Como exemplo a introdução da obra que apresenta

na epígrafe do livro – “A missanga, todos a vêem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo” (COUTO, 2010, p.4). Diante disso, metaforicamente o fio, representado pela obra, vai tecendo seus contos que são as missangas, formando um colar que é construído através do tempo.

O autor faz de suas marcas literárias o caminho para a demarcação, com sentido apenas indicativo do termo, de todas as histórias realistas ou fantásticas que compõem a estrutura daquilo que ele melhor sabe fazer: Contar. Mas um contar menos ingênuo, um contar minucioso, revelador e revolucionário, um contar que é movimento, em movimento de rejeição e afirmação, um contar mais que incisivo e denunciante: uma ação. É nessa ação que a mulher é representada através de dolorosos reflexos de conflitos reais na relação com o “absurdo”, mítico e irreal.

3.1 ENTRE SAIAS E CULPAS: MULHERES QUE COMPÕEM O FIO DAS MISSANGAS

A presença do universo feminino nos contos de Mia Couto é evidente desde o seu primeiro livro “Vozes Anotecidas” (1987) e até então, tornou-se frequente em suas obras embora não sejam as únicas personagens apresentadas em seus contos. Recentemente, o perfil feminino em Moçambique envolve-se numa reconstrução de uma identidade nacional e cultural, que após vários anos de colonização, a mulher ainda se mantém refém ao poder dos homens.

O gênero feminino sempre foi considerado inferior, submisso, primeiro ao pai e após, ao marido. O tempo passou e a mulher ainda é para muitos o sexo frágil, que precisa de proteção constante. Apesar da chamada modernidade e dos direitos conquistados através de lutas árduas, as mulheres ainda têm um longo caminho a percorrer para terem seus direitos realmente respeitados e aceitos pela sociedade.

A relação de gêneros é dada através das relações sociais. É da convivência em sociedade que se aprende a ser homem e mulher. Esse aprender está relacionado a influências passadas de geração em geração. As mulheres assimilam a feminilidade e a submissão, e por isso são controladas como os homens também são controlados por sua criação e conservação de sua masculinidade.

França (2013, p.13) adverte que a mulher branca não tinha voz dentro da sociedade e era vista apenas como “dona de casa”, mas “a mulher negra estava em uma condição ainda mais inferiorizada, a qual se encontrava na época da escravidão no Brasil até bem pouco tempo: final da década de 70 e início da de 80 do século XX” Era vista como subalterna, como um “outro diferenciado”.

Assim, as questões do racismo e do sexismo têm feito da mulher negra a principal vítima do preconceito social ao longo da história. As complexidades de interação baseadas em simbologias discriminatórias permeiam desde as relações familiares, que estabelecem limites à condição de ser mulher negra, até as relações sócio-econômicas e culturais. O sentimento de inferioridade causado pela internalização desses preconceitos impõe a essas mulheres uma condição de servidão e conformidade que acarreta sofrimentos ao longo de toda a vida. Elas são obrigadas a desafiar a dor, o choro, a submissão, a revolta, a invisibilidade social e as formas discriminatórias de representação de seu corpo para a sobrevivência entre os espaços de interação social.

Em questões de gênero, a fragilidade não expressa somente força física ou sentido biológico, mas a outro tipo de força, um sentido simbólico. É nesse sentido que se explora a questão da fragilidade feminina. Recorrer em Schott (1995, p. 86) em seu conceito de gênero diz: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Conceituando que a fragilidade feminina está ligada às relações sociais e relações de poder construída a partir de uma sócio-cultural.

No conto “A saia Almarrotada” impera a fragilidade da natureza feminina diante da dominação masculina, fato este iniciado ainda na infância quando os meninos podem fazer tudo que tem direito e as meninas são resguardadas dentro das casas brincando de boneca ou aprendendo a cuidar da casa e a fazer a comida.

O conto objeto deste estudo é um retrato real da dubiedade da mulher, que deseja ser livre, mas se vê privada pelo estigma da sua criação, sentindo vergonha em ser vista como sensual, desejada, querida; como se o ser feminino fosse um tabu, motivo de pudor, o que fica claro nas palavras do próprio conto “ensinaram-me tanta vergonha em sentir prazer, que acabei sentindo prazer em ter vergonha” (COUTO, 2009).

“A Saia Almarrotada”, de Mia Couto, presente no livro Fio das Missangas, trata-se no geral de uma repressão do feminino, característica bem presente nas obras do escritor Moçambicano. Logo na primeira frase do conto, percebemos essa fragilidade da mulher em relação à vida, pois a menina “sem nome” teria uma identidade invisível, ao qual apenas ela conseguia se caracterizar. Essa afirmativa se confirma no desenrolar do conto, quando ao fim, sem qualquer indecisão, a menina finaliza seus dias e consegue fazer sua alma pela primeira vez se alegrar ao realizar aquilo que em vida nunca pode: “vou ao pátio desenterrar o vestido do baile que não houve. E visto-me com ele, me resplandeço ante o espelho, rodopio para enfunar a roupa. Uma diáfana música me embala pelos corredores da casa.” (COUTO, p.15)

A menina como narradora de sua própria vivência, mostra-se oprimida e privada de ser quem sempre desejou ser. Tinha apenas o pai e tio, nos quais a apresentaram um mundo repleto de silêncio. Contudo, ela não deixava de sonhar, nem perdia as esperanças de alguém um dia, pelo menos, a percebesse.

Seu sofrimento inicia logo ao nascer, quando sua mãe falece e não consegue lhe doar um nome como citado “o meu nome tinha tombado nesse poço escuro em que minha mãe se afundara” (COUTO, 2009 p. 14). Mesmo vivendo com seu pai, ele a priva de ter o mínimo de glória, poupando-a de ser um dia pronunciado. “- Deixem um pouco para a miúda” (COUTO, 2009 p.14) sendo submetida a uma anulação de sua própria identidade: “Belezas eram para as mulheres de fora. Elas desencobriam as pernas para maravilhações. Eu tinha joelhos era para descansar as mãos.” (COUTO, 2009 p. 13). Identidade esta, bloqueada até após a morte do pai, expondo as marcas das opressões presentes mesmo após a colonização:

Chega-me ainda a voz de meu velho pai como se ele estivesse vivo. Era essa voz que fazia Deus existir. Que me ordenava que ficasse feia, desviçosa a vida inteira. Eu acreditava que nada era mais antigo que meu pai. Sempre ceguei em obediência (...). É essa voz que ainda paira, ordenando a minha vez de existir. Ou de comer. E escuto a sua ordem para que a vida me ceda a vez. (COUTO, 2009 p. 15)

O homem no conto pode ter duas leituras, uma na visão geral, como aquele que reprimiu a menina de viver, quando ordena: “Vá lá fora e pegue fogo nesse vestido!” (COUTO, p.15). A outra visão seria a da menina em relação aos homens,

via a evolução das outras meninas e assim queria ser desejada o mínimo que fosse, apenas para ser percebida: “O meu rabo nunca foi louvado por olhar de macho.” (COUTO, p.14)

A personagem e também narradora do conto sente na própria pele as marcas deixadas pela colonização portuguesa. Uma personagem triste e incapaz de agir sem as ordens do pai é impedida até de escolher os próprios momentos diários, sejam eles o de sentar-se a mesa até o de escolher a hora de usar a saia de roda que ganhou do tio. Isso transfere aos leitores a imposição dos africanos com relação às ordens colonialistas.

Mia Couto cria uma personagem para demonstrar os domínios de um sistema que por anos dominou uma sociedade repressada de sonhar e de impor sua própria cultura nas relações sociais: “Agora, estou sentada, olhando a saia rodada, a saia amarfanhosa, almarrotada. E parece que me sento sobre a minha própria vida” (COUTO, p.15).

Esta metáfora evidencia a perda da infância e de uma vida toda, na qual a personagem não foi permitida sonhar e apreciar sua existência na terra sem a presença de obrigações impostas por homens. Além disso, a personagem vê-se obrigada a sentar-se sobre seu próprio sonho que após de tanto tempo se “almarrotou”.

“Almarrotou”, termo criado pelo autor, evidencia a alma da mulher. Alma essa que, após tanto sofrimento acabou por ser esquecida e derrotada. Consequências ocasionadas por sombras que estarão sempre vivas na vida da moça. A personagem ao tentar suicídio: “Lancei, sim, fogo sobre mim mesma.” (COUTO 2009, p. 14) apresenta um conceito novo para o fogo em chamas: “E não eram chamas. Eram as mãos escaldantes do homem que veio tarde, tão tarde que as luzes do baile já haviam esmorecido.” (COUTO 2009, p.14).

O conto evidencia que mesmo entre a vida e a morte a mulher não encontra o príncipe, o homem que, apesar de tudo que tem passado, sonha em salvá-la de toda essa angustia transformada em vida, porém a tentativa de suicídio é para ela, a busca pela libertação.

A repressão domina todo o conto ao retratar a vida da mulher africana, que se expande por toda África e todo um mundo aos que leem as obras de Couto. Para Lévy:

As representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva e acompanhadas de músicas e rituais diversos. (LÉVY, 1993, p. 83).

O uso desse tipo de narrativa utilizado por Mia Couto encanta leitores que apreciam esses fatores. O conto “Meia culpa, meia própria culpa” demonstra a definição de uma personagem que é incapaz de se avaliar por inteira, uma desqualificação que a mesma faz de si próprio. O autor enaltece seus personagens, descaracterizando-os como simples personagens para personagens que em seu simples jeito de ser demonstra de uma maneira mais forte o real sentido do conto. A escolha, a construção de seus personagens, além de sua linguagem engrandecem mais ainda seu trabalho. Para Patrick Chabal:

Mia Couto habita um mundo de criaturas maravilhosamente “simples”, mas de extrema força evocativa. Não se supõe que pudéssemos de fato conhecer alguma delas, mas todas logo se tornam familiares - como se tivéssemos vivido sempre ao lado delas, contudo, percebê-las. [...] O fato é que essas personagens são notáveis por sua humanidade, uma característica que nos é importante e que as torna tão palpáveis (CHABAL, 2009, p. 59)

Essas personagens enfrentam a realidade com a frequência do irreal, da fantasia. “Meia culpa, meia própria culpa” é um conto em que a personagem principal mata o marido por não se sentir completa e acaba em uma prisão à espera de seu julgamento. Pensou em ter sua liberdade após o acontecido, contudo continuou na mesmice.

Eu pretendia era revirar página de um despedaçado livro. Descosturar-me desse Seis, meu marido. Eu queria me ver separada dele para sempre, desunidos até a morte nos perder de vista. Até não ser possível morrermos mais.[...] Não o matei. E disso tenho pena. Porque esse assassinato me faria sentir inteira. Por agora, prossigo metade, meio culpada, meio desculpada. (COUTO, 2009, p. 20-21)

O conto manifesta uma denúncia a partir do silenciamento atribuído às figuras femininas que, sem qualquer direito procuram viver em um mundo onde são submersas. O seu próprio nome é uma característica do antes dito, Maria Metade. Ainda mais, além de conviver com essas repressões e angústias casa-se com um

homem que a mesma define como um homem pela metade. Chamado Seis, nome lhe dado por decorrências da vida:

A meu esposo chamavam de Seis. Desde nascença ele nunca ascendeu a pessoa. Em vez de nome lhe puseram um número. O algarismo dizia toda a sua vida: despegava às seis, retornava às seis. Seis irmãos, todos falecidos. Seis empregos, todos perdidos. E acrescento um segredo: seis amantes, todas atuais. (COUTO, 2009, p. 19)

Maria segue sua vida de desilusões até o momento em que decide matar o marido: “Relatei o sucedido, tudo de minha autoria” (COUTO, 2009,p. 21) e, ao contar sua história ao interlocutor se apresenta como uma mulher falante, antes sempre calada pela sociedade. A vida dela se reconstrói após morte do marido. Admite o direito do sonho, no qual antes não tinha: “– Sonhe com cuidado, Mariazita. Não esqueça, você é pobre. E um pobre não sonha tudo, nem sonha depressa.” (Couto, 2009, p. 20). Até mesmo a prisão a traz liberdade em relação à “vida” que ela levava.

Os papéis entre os homens e as mulheres são dados a partir de seus ideais e diferem-se de um lugar para outro. Fatores determinam a cultura de uma sociedade e essa cultura é determinada no dia-a-dia, seja ela na criação dos pais, até a mídia ou na escola que tem este papel de transferir saberes. A mulher na África vem ganhando seu papel aos poucos, até então são subjugadas por homens e desencantadas por sua própria vida. A personagem desse conto finaliza na prisão que, para ela seria um lugar de libertação após o acontecido. Porém não conseguira o desejado, sua liberdade. Esta teriam lhe roubado durante sua vida inteira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal do trabalho foi apresentar o conto A Saia Almarrotada presente na obra de Mia Couto, discorrendo o posicionamento crítico do autor diante dos vários problemas ocasionados pela colonização, especificando, dentre tantos, o universo feminino na África e as características dadas a essas mulheres. Com isso pode-se perceber que a África apresenta durante o colonialismo mulheres silenciadas, incapazes de viverem suas vidas sem a submissão de homens.

A literatura sempre permeou a imaginação de Mia Couto em obras que encantam o leitor proporcionando a um tempo prazer e conhecimento. O conto de Mia Couto trouxe à tona a relação subserviente da mulher moçambicana, mas no interior do conto percebe-se o cunho social do papel feminino em todas as sociedades; o anseio profundo de ser vista como uma pessoa, o medo imposto por uma rígida criação e, muitas vezes, a fuga da realidade através de devaneios.

A personagem do Conto é introspectiva, tímida, medrosa e com um anseio profundo de se sentir amada e querida por um homem. Apenas seus pensamentos são conhecidos ao leitor, em expressões que denotam a imensa vontade de ter ao menos um nome “na lágrima fluuava a carícia desse homem que viria. Esse aprincesado me iria surpreender. E me iria amar em plena tristeza. Esse homem me daria, por fim, um nome. Para o meu apetite de nascer, tudo seria pouco, nesse momento”. (COUTO, 2009)

As histórias contadas por Mia Couto apresentam, portanto, uma textura na voz que faz toda diferença na apresentação do texto. A presença da alma das mulheres interfere na sensibilidade da leitura. De certa forma, as mulheres de Mia Couto procuram demonstrar meios familiares, caracterizando a elas marcas inferiores da existência humana.

Desta forma as mulheres aprendem desde cedo a camuflarem seus anseios mais secretos criando uma aparência de normalidade, deixando seus desejos mais secretos no subconsciente, numa voz que ela teme ouvir. Isso foi devido as marcas da colonização portuguesa.

Mia Couto transcende a magia dos costumes, do cotidiano, da oralidade e do modo de viver dos africanos construindo uma vasta obra literária que apresenta o simples existir dos moçambicanos.

Atualmente, os diferentes modos de viver e de ser tanto no sexo masculino, como no sexo feminino são alvos de discussões. E essas discussões geram ainda mais diferenças. Não há como dizer que existe apenas um modelo de homem e de mulher, mas referenciar os modos que podem ser trabalhadas essas diferenças.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamin. Panorama histórico da literatura angolana. In: Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006. P. 211-216

AFONSO, Maria Fernanda. **O Conto Moçambicano Escritas Pós-Coloniais**, Lisboa, Caminho, “Col. Estudos Africanos”, 2004.

_____. “A problemática pós-colonial em Mia Couto: mestiçagem, secretismo, hibridez, ou a reinvenção das formas narrativas”. In: NÓBREGA, José Manuel da; MOTA, Nano Pádua de (editores). **Estudos de Literaturas Africanas - Cinco povos, cinco nações**. Atas do Congresso Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Coimbra: Novo Imbondeiro, 2007. p. 546-553.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-colonialistas. In: Zolin, Lúcia Ozana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. ver. e ampl. Maringá: Eduem, 2005, p. 223-239.

CHABAL, Patrick. **Vozes Moçambicanas: literatura e nacionalidade**. Lisboa: Vega, 1994.

CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira. **África, um novo olhar**. 1. ed. – Rio de Janeiro: CEAP, 2006

COSTA, Rosilene Silva da. O Regresso do morto: oralidade, memória e tradição constituintes da identidade nacional. In: **Revista eletrônica de crítica e teorias de literaturas**. Dossiê: literatura, oralidade e memória PPG – LET – UFRGS – Porto Alegre – Vol.04 N.01 – jan-jun 2008

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-Brasileira: Elementos para uma conceituação** Acervo, Rio de Janeiro, v. 22, no 2, p. 77-90, jul/dez 2009 - pág. 77

FERREIRA, Fernanda Machado; et al. África de ontem, África de hoje, resquícios de permanência? IN: **Revista Contemporânea**, nº 2, 2008. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/africa3.pdf> Acesso em: 14/05/2014

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Mia Couto: Espaços Ficcionalis**/Maria Nazareth da Fonseca Soares, Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FRANÇA, Anderson Silveira de. Mulher negra e submissão na obra um defeito de cor. In: **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Brasília. Disponível em: www.telunb.com.br. Acesso em: 13/09/2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KUKANDA, Vatomene. **Diversidade Linguística em África**. In: *Africana Studia* número 3. CEAUP: Porto, 2000.

LAJOLO, Marisa. 1982. **O que é literatura**. São Paulo, Brasiliense.

LARANJEIRA, Pires. *Literatura Calibanesca*. Porto, Afrontamento, 1985.

LARANJEIRA, Pires.. Língua e Literatura nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. In: GALANO, Ana Maria et al. (orgs) **Língua Mar: Criações e Confrontos em Português**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997, p. 83-99.

LEI nº 11. 645/2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 22/12/ 2013.

Lei nº 3.353 de maio de 1888 (Lei Áurea). Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM3353.htm>. Acesso em: 22/08/ 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, José de Sousa Miguel. Cultura acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique. In: **Contatos e Ressonâncias: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Leão, Ângela Vaz (org.). Belo Horizonte: PUC, Minas, 2003.

MACHADO, Cristina Vasconcelos. Construção da representatividade feminina na obra O fio das missangas de Mia Couto. In: **Darandina Revisteletrônica -Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política**. LETRAS: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 24 e 26 de maio de 2011.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. IN: Revista Literatura afro-brasileira. Disponível em:
http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cIII.pdf Acesso em: 10/09/2013

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sortilégio da cor**: identidade raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos. Londrina: Eduel, 2006.

SABADELL, Ana Lucia. **Manual de Sociologia Jurídica**: introdução a uma leitura externa do Direito. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Revista Educação & Realidade. v. 20(2), jul./dez. Porto Alegre: p. 71-99, 1995.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, **Teoria da Literatura**, Coimbra, Almedina, 4ª ed., 1982, p.14.

TILIO, R. C. **Reflexões acerca do conceito de identidade.**, v. 8, n. 29, abr-jun, 2009. Disponível em:
<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/529>>. Acesso em: 12 /12/2013.